

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	14. JAN. 1980
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Casos Pintasilgo e Kalinine:

Sá Carneiro

Fundação Cuidar o Futuro
**joga
e perde**

Pág. 5



P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	14. JAN. 1980
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

PINTASILGO DEVERÁ VOLTAR À UNESCO

AD esqueceu-se de que os decretos de exoneração de embaixadores têm que ser assinados pelo PR

Ao reter intempestivamente Maria de Lurdes Pintasilgo em Lisboa, na véspera do seu regresso a Paris, onde deveria retomar as funções de embaixador de Portugal junto da UNESCO, o Governo da AD parece ter-se esquecido de que os decretos de colocação e exoneração de embaixadores têm que ser assinados pelo Presidente da República, admitindo-se que Ramalho Eanes o tenha lembrado a Sá Carneiro na última conversa que ambos tiveram.

Contudo, nem por isso se poderá dar por encerrado este primeiro episódio do «novo estilo» de governação. Com efeito, falhada a primeira manobra no sentido de afastar Lurdes Pintasilgo, os observadores não excluem a hipótese de o ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas do Amaral, a pretexto da necessidade de um reenquadramento de toda a política externa portuguesa e da necessidade de um controlo estreito da acção dos embaixadores por parte do

Primeiro-Ministro, alicetivando a desconfiança da ex-primeira-ministra, no desempenho das suas tarefas em Paris, que esta se veja obrigada a pedir a demissão.

Entretanto, pelo cariz insólito de que se reveste, o «caso Lurdes Pintasilgo» está a ter repercussões internacionais, dando pretexto, na imprensa europeia, a comentários irónicos sobre o «estilo» do VI Governo, afinal não tão «novo» como se pretende, mas antes impregnado de reminiscências da actuação periférica e provinciana dos Governos do antigo regime.

Para já, Maria de Lurdes Pintasilgo deverá retomar as suas funções, devendo ser em breve recebida por Freitas do Amaral. A esse propósito, contactámos esta manhã o MNE. Cortesmente, a telefonista de serviço disse-nos que «não estava autorizada» a ligar para o gabinete do sr. ministro. Tentámos as Relações Públicas, e daí, também com toda a cortesia, foi-nos dito que «o sr. ministro receberá essa pessoa (referiam-se a Maria de

Lurdes Pintasilgo) toda esta semana, na medida das suas disponibilidades de tempo» (sic.). Afinal, têm razão os que acusam este «estilo novo» de ser bastante velho.

Parece, porém, que não é só em relação à ex-primeira-ministra que subsistem problemas na área dos Negócios Estrangeiros. Freitas do Amaral ordenou, logo que foi empossado, o congelamento de todas as decisões tomadas pelo anterior Governo relativamente à colocação, promoção e transferência de pessoal, o que, entre decretos por assinar e «agreements» já concedidos, está a suscitar uma confusão diabólica na vida interna e externa do ministério.

Freitas Cruz, por exemplo, embora já tenha há meses o «agreement» do Governo britânico, não se sabe se vai ou não vai para Londres, já que não existe o decreto da sua nomeação e Freitas do Amaral o atacou incessantemente durante a campanha eleitoral.



Table with columns for newspaper names (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, PORTUGAL HOJE, etc.) and dates (14 JAN 1980).

Sá Carneiro não conseguiu a substituição de Kalinine

O modo como o novel Primeiro-Ministro português aproveitou a crise afegã e o carácter espectacular das disposições que decidiu tomar face a ela surpreenderam numerosos observadores em vários países.

A revista espanhola de grande expansão «Triunfo», por exemplo, insuspeita no que toca a simpatias pela política internacional da União Soviética, classifica as decisões de Sá Carneiro de «cómicas» e de «pitorescas», embora as analise também seriamente.

Assim, a «Triunfo» recorda que, se a «chamada para consultas» não equivale à retirada sem hesitações de um embaixador, ela é em circunstâncias normais o primeiro passo para essa retirada, sendo habitual que, passada a crise ou acalmados os ânimos, o mesmo embaixador não regresso ao seu posto, sendo possivelmente nomeado outro para o substituir.

O que Sá Carneiro visivelmente não conseguiu, e tratava-se certamente de um dos seus principais objectivos, foi que, em resposta ao seu espectacular gesto, a URSS, por sua vez, cha-

Sá Carneiro: «Rússia culpable»

A esta vez, o generalissimo de Sá Carneiro... (transcription of the article text)

Um gesto: «a culpa é da Rússia», analisado pela «Triunfo»

masse a Moscovo o embaixador Kalinine, que nesse caso não regressaria, provavelmente, a Lisboa. Se isto tivesse acontecido, Sá Carneiro teria conseguido «verse livre» do deão dos embaixadores acreditados em Lisboa, personagem conhecida e respeitada no seu meio e por toda a classe política portuguesa, e que além disso desenvolve intensa actividade diplomática.

E a revista deduz, destes factos, o seguinte: «Por detrás deste gesto cómico e enfático há muitas coisas mais: é uma forma de renegar definitivamente todas as características da Revolução dos Cravos, uma maneira de afrontar ainda mais o Presi-

O «cartoon» de Cid



A imprensa de direita tem atribuído um significado interno muito preciso ao modo como o Governo tratou a questão afegã, como testemunha este «cartoon» de Cid, o desenhador recentemente condenado por injúrias a Eanes, publicado no vespertino «A Tarde» do passado dia 9

dente Ramalho Eanes, cuja política exterior era mais equilibrada, e sobretudo uma maneira de iniciar uma guerra fria no seu próprio país». A «Triunfo» sublinha que nenhum outro governo tomou atitude semelhante, nem mesmo os Estados Unidos, cujas represálias são parciais e calculadas.

Segundo a revista, Sá Carneiro visa, e pode ter conseguido em parte, no que toca às relações internacionais do seu Governo, ganhar mérito face aos Estados Unidos, com os olhos postos num objectivo final — o presidencialismo de que ele será o protagonista quando conseguir rever a Constituição a favor de um reforço do seu poder pessoal e quando tiver conseguido afastar Ramalho Eanes. Ao mesmo tempo ainda, ganha pontos na NATO. Apesar de tudo isto, diz ainda a «Triunfo», «o ridículo do gesto persiste».

No plano interno, Sá Carneiro visa criar condições para iniciar uma autêntica «caça às bruxas» segundo um processo conhecido em outros países: sendo o Partido Comunista Português geralmente acusado de pró-sovietismo, Sá Carneiro tem em mente criar em Portugal um clima de tensão aproveitando-se de um tema internacional, clima que o conduza a proclamar que o PCP «é obediente a uma potência estrangeira», como se fez noutros países durante a guerra fria anterior. Este argumento fez as suas provas como factor de divisão da esquerda antiamericana, e é de esperar que Sá Carneiro esteja a testá-lo para eventualmente vir a aproveitá-lo a fundo. Até nisto buscaria, fazendo-o, métodos velhos de combate contra a Esquerda, limitando-se a seguir à risca as passadas seguras dos seus «antepassados».

Outros bastidores

Um bastidor menor desta encenação parece ser o modo como o semanário «Expresso» se refere, na sua



O antigo director visto pelo novo

última edição (a primeira em que Francisco Pinto Balsemão já não exerce as funções de director), às decisões do Governo sobre a crise afegã; o semanário, que corre agora o risco de se tornar no órgão oficial do executivo, dá grande destaque à notícia de que o secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, foi antecipadamente informado das decisões de criticar a URSS e de chamar a Lisboa o embaixador em Moscovo, como se pretendesse sugerir a convicção expressa entre Sá Carneiro e Soares destas decisões. O novo director, que não pôde impedir-se de publicar na primeira página uma foto caricata de Balsemão (acto que revela aspectos pouco conhecidos da «passagem de testemunho» no semanário), afirma que «parece ter sido o objectivo do Governo, numa matéria tão importante de política externa, privilegiar os contactos com o Partido Socialista, na pessoa do seu secretário-geral». Sabendo-se — como o comprovam as lutas por lugares parlamentares e outros choques de interesses pessoais — que será impossível ao «Expresso» apoiar a AD em bloco, o futuro mostrará a muito curto prazo que facções vão ali encontrar mais apoio, e como ele se desenhara.